

Mário Cláudio

Entrevistado por Maria Augusta Silva

MARÇO 2003

Romancista, poeta, dramaturgo, biógrafo. Décadas de escrita. Um autor singular já distinguido com numerosos prémios, com realce para os da Associação Portuguesa de Escritores nas modalidades de Romance e de Crónica.

A presente entrevista foi realizada na ocasião do lançamento de um novo romance, *Oríon*, obra que põe na berlinda D. João II, abordando a escravatura e a «primeira purga maciça antijudaica em Portugal». Mostra, ainda, como «o grande inimigo do homem é o próprio homem».

Mário Cláudio: sempre um registo poético mas contundente, também.

Que leva da rua para os seus livros?

Tudo o que a vida me traz e o que a vida me traz pode resultar da rua ou da interioridade. Essa interioridade pode ser a minha casa ou eu próprio. A um romancista é difícil dizer o que vem de fora e o que vem de dentro. As duas coisas não existem como dimensões diferentes, são uma unidade.

Novo romance, *Oríon*. Põe na berlinda D. João II, o Príncipe Perfeito. Afinal, não era tão perfeito assim apesar da aura das Navegações... Que o motivou a abordar a escravatura e o povo judeu?

No contexto deste romance, aquele rei é a prepotência representada pelo poder. Propus-me uma reflexão sobre as relações com o poder e, neste caso, das relações do poder não apenas com uma minoria rática mas igualmente com uma minoria etária.

Faz ressaltar a comercialização de crianças em finais do século XV. A história tão longe e tão perto?

Todos estamos um pouco no lugar daquelas crianças manipuladas por um poder que faz de nós quase tudo aquilo que quer. Por mais democrático que o poder seja, há sempre uma instrumentalização dos cidadãos. Quis chegar aí partindo da primeira purga maciça antijudaica em Portugal; foram mandadas para São Tomé e Príncipe milhares de crianças judias entre os três e os doze anos.

Será que a escravatura acabou?

Acho que não. Em todas as épocas o discurso do poder é justificativo. As maiores atrocidades cometidas pelos poderes mais sinistros que apareceram neste mundo têm sempre uma justificação por parte do

poder. Há novas escravaturas e novas purgas. E tem-se a consciência de que estar contra o poder é um risco. Todo o poder tende a cercar a liberdade.

Que alternativa?

A liberdade interior, que existe, aliás, nas personagens deste livro. Aquelas crianças acabaram por conquistar dentro de si um território de liberdade; apesar dos condicionalismos, levavam avante os seus sonhos. Essa é a capacidade de apostar num horizonte que está para além de nós: o absoluto. A caminhada será a única forma de absoluto que nos é permitida.

O absoluto é a utopia?

Seja a utopia. Não acredito nas utopias de consumo imediato; acredito na utopia das utopias que é o destino eterno do homem, seja o que for que se entenda por eternidade. A minha eternidade tem a ver com um absoluto que não é imanente nem transcendente.

Abel e Caim no enredo de *Oríon*. Eterna metáfora do bem e do mal?

Pretendo simbolizar que o grande inimigo do homem é o próprio homem. Neste romance, a partir de um dado momento, o grande inimigo não é o rei nem a natureza indomável da ilha para onde eram levadas as crianças judias. É o próprio homem que entra em concorrência com a sua espécie.

É um homem bom? Há quem diga que tem uma língua viperina...

Quando a língua viperina convive com a ternura e a capacidade de estar com os outros, haverá algum ganho. Sinto ternura pelos meus semelhantes mas, às vezes, sinto também a urgência de ironizar e,

até, de causticar. Tenho pouco respeito pelas pessoas amigas de toda a gente, porque, normalmente, não são amigas de ninguém. Gosto de cultivar as amizades mas agrada-me, do mesmo modo, cultivar alguns inimigos.

Na sua escrita nota-se uma elaboração luxuriante. O êxtase do barroco?

Sou um homem de excessos. Reivindico a natureza barroca que se manifesta ao nível da minha escrita e do meu quotidiano. Gosto de viver as coisas de uma forma superlativa e depois filtrar essas experiências de uma maneira rigorosa. A minha escrita é barroca mas extremamente vigiada dentro do seu barroquismo. Não sou um autor hermético.

Como absorve o universo campesino que nos dá nos seus romances?

Tenho parte da minha vida ligada à ruralidade. A literatura portuguesa deixou de conviver com a ruralidade. Ao contrário das literaturas anglo-saxónicas a nossa literatura ficou hipotecada ao meio urbano. E fizemos uma coisa terrível: terceiro-mundializámos o espaço rural.

Tem sido um autor estimulado?

Amado e desamado, odiado e insultado algumas vezes, como toda a gente que se preza. Não terei um público vasto mas tenho um público fiel e que se tem renovado.

Há muito que não aparece com livros de poesia. A poesia expõe-no mais?

Talvez exponha mais as minhas fragilidades como escritor. Todos os escritores têm as suas fragilidades. Além de que é difícil publicar

poesia em Portugal; a poesia no nosso país sempre teve *numerus clausus*.

Traduziu Virginia Woolf. Calculo que nada fácil...

Uma experiência fascinante e também assustadora; quando tomava conta do texto sentia a mão da autora a desviar-me para escrever como ela queria. E cedi sempre. O tradutor deve permitir a visitaçã do autor que está a traduzir. É importante que a tradução funcione como a primeira escrita do autor numa outra língua.

Para Flaubert, a genialidade é dom divino e o talento é do homem. Julga-se um génio ou um talento?

O que faço é de dentro para fora e isso dá-me a garantia de autenticidade. O autor, quanto mais autêntico for, mais certo está perante ele mesmo.

Em que lugar ficam os medos?

A escrita é um amparo contra o medo; verbalizamos e arrumamos as coisas, esquecemos aquilo que nos aterroriza e o mundo passa a ter algum sentido.

E o advogado que também é?

A aprendizagem do Direito deu-me uma metodologia de trabalho de que há sinais na minha escrita; por exemplo, o culto do rigor da palavra e a capacidade de estar em dois lados da realidade ao mesmo tempo, sendo ambos verdadeiros.

A Justiça existe?

Existe como algo de tendencial que pode ou não verificar-se em circunstâncias concretas; não é uma entidade de que consigamos apropriar-nos a toda a hora.

À medida que a idade avança dá-se um reencontro com a inocência?

Um encontro com a serenidade. Aprende-se a ver as coisas num plano de relatividade.

Sente-se bem com o seu corpo e o seu espírito?

Sinto-me apaziguado. Tenho a ideia de que podem viver-se todas as situações sem grande pânico.

© *MARIA AUGUSTA SILVA*